

LENDO BALDWIN E ADICHIE NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: ARTICULAÇÕES ENTRE LÍNGUA, LITERATURA E ANTIRRACISMO

READING BALDWIN AND ADICHIE IN ENGLISH CLASSES: ARTICULATIONS AMONG LANGUAGE, LITERATURE, AND ANTIRACISM



Dossiê

Literaturas africanas e afrodiáspóricas: escritas emancipatórias

Organizadores:

Prof. Dr. Cláudio R. V. Braga



Profa. Dra. Gláucia R. Gonçalves



Profa. Dra. Fernanda Guida



Profa. Dra. Elena Brugioni



v. 32, n. 61, maio, 2023
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 16/09/2022

Aprovado em: 16/03/2023

Distribuído sob



Dayse Rayane e Silva Muniz

daysermuniz@gmail.com

Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB), professora de Literatura, Língua Inglesa e Metodologia de Ensino no Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) e pesquisadora do Grupo Mayombe, da UnB.

Thayza Alves Matos

thayzaa.matos@gmail.com

Pós-doutorado em andamento no Departamento de Africana Studies, da University of New Mexico (UNM). Doutora em Literatura e Práticas Sociais (2021) e mestre em História - Sociedade, Política e Cultura, (2017) ambas pela Universidade de Brasília (UnB). Possui especialização lato-sensu em Literatura e Mídias Contemporâneas (2018) e em História, Narrativas e Identidades (2022), bem como Licenciatura em História (2013) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Membro dos Grupos de Pesquisas: Mayombe (literaturas africanas e afrodescendentes) desde 2018 e GPTEC - Grupo de Pesquisa em Imagens técnicas (CNPq) desde 2012. Interesse nas áreas de História e literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: Decolonialidade, Diáspora Africana, História Contemporânea, Literatura Contemporânea e Literatura e Novas Mídias.

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

Este artigo busca refletir acerca da pouca inserção da literatura negra no ensino de inglês no Brasil, intuindo trazer propostas que contribuam para a articulação entre língua, literatura e antirracismo a partir da leitura de obras de James Baldwin e Chimamanda Ngozi Adichie. Os estudos são embasados nos trabalhos dos teóricos Nilma Lino Gomes (2003, 2019), Rildo Cosson (2014), Jeremy Harmer (2018), Cristiane Carvalho de Paula Brito e Ivan Marcos Ribeiro (2021).

Literatura em língua inglesa; Literatura antirracista; James Baldwin; Chimamanda Ngozi Adichie; Ensino de inglês

This article aims to reflect about the scarce inclusion of Black literature in the teaching of English in Brazil, intending to bring purposes which contribute to the articulation of language, literature, and antirracism through the reading of the works of James Baldwin and Chimamanda Ngozi Adichie. The studies are based on the works of the theorists Nilma Lino Gomes (2003, 2019), Rildo Cosson (2014), Jeremy Harmer (2018), Cristiane Carvalho de Paula Brito and Ivan Marcos Ribeiro (2021).

Literature in English; Antiracist Literature; James Baldwin; Chimamanda Ngozi Adichie; English Teaching

Introdução

Para professores de Língua Portuguesa e Estrangeira no Brasil, melhorar o letramento literário dos estudantes mostra-se como um grande desafio. De acordo com o Instituto Pró-Livro, através da Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*¹, cuja última edição ocorreu em 2019, o povo brasileiro leu uma média geral de 4,95 livros nos últimos doze meses. Dentre essas leituras, 0,87% foram de livros indicados pela escola, enquanto 2,73% de livros escolhidos por conta própria. Esses dados demonstram que a leitura está longe de ser uma prática comum ao povo brasileiro, e sinalizam a necessidade de buscarmos ferramentas para lidar com o problema.

As discussões acerca do benefício da leitura já são velhas conhecidas no campo das licenciaturas, e abarcam problemáticas como o letramento literário da população, o acesso a livros e bibliotecas e a formação inicial e continuada de professores, apenas para citar alguns exemplos. Dada a centralidade do debate, é, portanto, habitual encontrarmos pareceres relacionados à leitura e ao letramento nos documentos que regem a educação do país. A própria Base Nacional Curricular Comum (BNCC) enfoca a prática de leitura – e também de escrita, é válido ressaltar – em todo o Ensino Básico, atendo-se, inclusive, a propostas mais diversificadas e multiculturais no currículo. Dentre outras asserções, a Base ratifica que "[...] é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente" (BNCC, 2018, p. 70).

Nesse sentido, a BNCC manifesta-se com o intuito de associar a leitura literária, principalmente, a oportunidades de interação que promoverão um exercício de cidadania mais empático quando articulado a práticas plurais, o que compreende sujeitos, temas e culturas diversas. O documento aponta, igualmente, que quanto mais cedo a leitura literária

fizer parte do cotidiano dos indivíduos, melhor (BNCC, 2018, p. 40).

Baseadas na BNCC, situamos a leitura literária, pois, como uma prática significativa para a construção do imaginário e reflexões acerca das relações sociais em contextos distintos, que deve se descortinar já a partir dos primeiros anos na escola. É imperativo assinalar, por outro lado, que para além de sua função social, a literatura cumpre o papel de entreter e permitir ao sujeito leitor o deleite estético e a fruição. Tais peculiaridades a tornam uma ferramenta atraente, por poder proporcionar debates importantes, nos âmbitos político, cultural e social dentro da escola, ao passo que provoca sensações de prazer e possibilidades de transcendência através do contato com a palavra escrita. Adicionamos, ainda, mais um fator às vantagens da leitura. Dado que tratamos de textos escritos em inglês, privilegia-se o acesso à outra língua, o que corrobora para o melhoramento da aprendizagem deste novo idioma, conforme assevera Jeremy Harmer (2018, p. 99).

Em nossa pesquisa, enfocamos a articulação com as questões de raça em obras de língua inglesa. Este recorte foi privilegiado devido às experiências profissionais e acadêmicas que tivemos no decorrer dos anos. Tendo atuado como professoras de língua inglesa no contexto do Ensino Básico e Superior e pesquisadoras na linha da Representação Literária com ênfase nos estudos de raça, gênero, pós-colonialidade e afro-diasporicidade, uma série de reflexões permearam nossas vivências. Dentre elas, podemos salientar: i. a maneira como a língua inglesa é ensinada no Brasil, o que toca às relações de poder estabelecidas com nações como Estados Unidos e Inglaterra; ii. o acesso da literatura negra no ensino de inglês como língua estrangeira e língua franca no Brasil; iii. as relações estabelecidas entre ensino de inglês e ensino de literatura, que distanciam a leitura literária das salas de aula.

A literatura negra escrita em língua inglesa muitas vezes não figura como uma leitura que se destaca para o público brasileiro. Dentre as motivações para esse fenômeno estão o dis-

¹ Disponível em: <<<https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>>> (Acesso em: 13 mar. 2023)

tanciamento linguístico e a baixa divulgação de livros de escritores negros e estrangeiros na escola e no mercado editorial, de modo geral. O racismo estrutural, ainda presente no Brasil, é outro fator a ser considerado, na medida em que influencia a maneira como as pessoas negras são observadas pela sociedade, conforme denuncia a pesquisadora Cida Bento no ensaio *O Pacto da Branquitude* (2022).

Bento cria o conceito de "pacto narcisístico da branquitude" aplicado ao mercado de trabalho; entretanto, suas contribuições podem ser ajustáveis a outros setores da sociedade, visto que a raiz das desigualdades, violências e preconceitos sofridos pelas populações negras é justamente o racismo estrutural e estruturante do Brasil. Segundo a pesquisadora,

As instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistemas de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco. Essa transmissão atravessa gerações e altera pouco a hierarquia das relações de dominação ali incrustadas. Esse fenômeno tem nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios (BENTO, 2022, p. 18).

As relações de dominação sobre as quais Bento discorre, naturalmente, não excluem o campo simbólico. É por este motivo que a literatura não está livre de preconceitos, vindo a determinar, em partes, quem são aqueles que podem ou não ter acesso ao poder simbólico. Nesse ensejo, o filósofo Michel Foucault nos lembra que "[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos" (FOUCAULT, 1996, p. 3). Ampliar o acesso à literatura negra escrita em língua inglesa configura-se, portanto, como a apropriação de um espaço de enunciação decisivo para a dinâmica das relações raciais e culturais que se estabelecem em nosso país. Esse projeto de inclusão de autorias negras, espe-

cificamente nas aulas de inglês, é centralizado em nossas pesquisas porque, em mais de uma década de atuação no ensino regular e em cursos livres no Centro-Oeste do Brasil, observamos uma quantidade esmagadora de obras estrangeiras escritas por pessoas brancas sendo consumidas dentro das escolas. Tal fenômeno nos aponta para a necessidade de "escurecermos" as experiências de leitura também no contexto de ensino de língua estrangeira; como professoras de inglês, acreditamos que essas produções mereçam ser melhor exploradas tanto em cursos livres quanto em escolas regulares, uma vez que permitem o alargamento das noções de cultura, língua e sociedade abordadas nas aulas de línguas.

Dito isto, afirmamos que esse artigo objetiva refletir acerca da pouca inserção da literatura negra de língua inglesa no ensino de inglês no Brasil, buscando trazer propostas que contribuam para uma maior inclusão e melhor fruição de leituras negras em sala de aula. Entendemos que, ao introduzir a literatura negra nas aulas de inglês, contribuimos para a ampliação do escopo cultural de nossos estudantes, suas leituras de mundo e suas elucubrações acerca de questões de raça em um espaço dominado pela branquitude. Os estudos em questão são embasados nos trabalhos dos teóricos Nilma Lino Gomes (2003, 2019), Rildo Cosson (2014), Jeremy Harmer (2018), Cristiane Carvalho de Paula Brito e Ivan Marcos Ribeiro (2021). Para esboçar as aproximações entre Língua Inglesa, Literatura e Antirracismo, debruçamos-nos sobre as produções de James Baldwin e Chimamanda Ngozi Adichie. O enfoque é dado ao ensaio *Notas de um Filho Nativo* (2020), de Baldwin, e ao romance *Americanah* (2014), de Adichie.

A metodologia adotada é a de pesquisa bibliográfica, cujo intuito é articular literatura, língua inglesa e antirracismo, de modo a delinear propostas para o uso da literatura em língua inglesa nas aulas do idioma. Primeiramente *Notas de um Filho Nativo* (2020) e *Americanah* (2014) são resumidos e brevemente analisados; mais adiante, reflexões acerca do distanciamento entre o ensino de inglês e o de literatura são pormenorizadas; por fim, ideias para a inserção da literatura em sala de aula são expostas, base-

adas nas colocações de Rildo Cosson no volume *Círculos de Leitura e Letramento Literário* (2014). Esperamos que, ao final da leitura, seja possível estabelecer conexões claras entre literatura, ensino de inglês e antirracismo capazes de ensinar práticas transformadoras na realidade dos profissionais que acessarem nosso estudo.

A poética de James Baldwin: um diálogo sobre identidade e raça no ensino de língua inglesa

James Artur Baldwin foi um escritor, dramaturgo, crítico social, poeta e romancista estadunidense. Nascido em 1924, no Harlem, Nova York, Baldwin vivenciou desde a tenra idade os efeitos das políticas de segregação racial perpetuadas pelas leis de Jim Crow nos Estados Unidos. Participou ativamente dos movimentos de Direitos Civis em seu país ao longo da década de 1960, ao lado de ativistas tais quais Martin Luther King Jr., Malcolm X, Medgar Evers e Angela Davis.

Buscando refletir acerca das consequências da racialização do povo negro na sociedade estadunidense, decorrente dos processos de colonização e escravização, Baldwin nos fornece, em seus escritos, um profícuo acervo de poemas, romances, ensaios e críticas, como *Go Tell it to the Mountain* (1956), *Nobody Knows my Name* (1961) e *The Devil Finds Work* (1976).

Apesar de ser um autor referência no campo da literatura negra nos Estados Unidos, Baldwin é pouco conhecido pelos leitores brasileiros, uma vez que suas obras foram esparsamente traduzidas no Brasil. A última tradução publicada foi a coletânea de ensaios *Notas de um Filho Nativo*, em 2020. Originalmente de 1955, o livro é um compilado de ensaios produzidos por Baldwin entre as décadas de 1940 e 1950. A obra demonstra a potência do autor em suas análises sociais, cuja profundidade dimensiona um sujeito negro até então ignorado pelos próprios Estados Unidos. Décadas após sua publicação original, o livro chega ao Brasil em um momento crucial nas discussões e debates acerca do racismo estrutural presente em nossa sociedade.

Notas de um Filho Nativo (2020) é organizado em três partes, que são: o artista negro,

a literatura negra e os “romances de protesto”. Na primeira parte, Baldwin analisa dois romances: *A Cabana do Pai Tomás* (1852) de Harriet Beecher Stowe e *Filho Nativo* (1940) de Richard Wright. Ao tecer uma crítica a essas obras, Baldwin demonstra ao leitor que a questão racial nos Estados Unidos é multifacetada, vide as diferentes abordagens que as obras trazem em relação à raça; ademais, propõe debates acerca de como a estrutura racista se renova e complexifica, teoria também postulada por Grada Kilomba (2019) ao tratar sobre o novo vocabulário do racismo (KILOMBA, 2019, p. 112).

Dentre as ponderações presentes no ensaio, destacamos a relação estabelecida entre o sujeito negro e a sociedade que o cerca. Baldwin aponta: “aprendi que ser negro significa, precisamente, ser alguém que nunca é olhado, porém está sempre à mercê dos reflexos causados nas outras pessoas pela cor de sua pele” (BALDWIN, 2020, p.119). A reflexão proposta no excerto acima nos diz muito sobre como o sujeito negro é lido socialmente: alguém que é ignorado e marginalizado e que tem em seu corpo uma demarcação definidora de sua experiência social. Através da literatura de Baldwin, temos contato com uma outra narrativa, não mais ditada pela branquitude, e que problematiza as noções de interações sociais, cultura e raça dentro de um país de língua inglesa que, no que toca ao racismo, tem muitos pontos em comuns com a nação brasileira.

Quando subverte a lógica eurocentrada em sua escrita, Baldwin apresenta uma perspectiva cultural que conversa com o conceito proposto pela teórica Rute Benedict (2007). Para Benedict, a cultura é como uma lente por meio da qual cada grupo humano observa o mundo. Dessa forma, cada grupo humano utiliza lentes diversas, não tendo a mesma percepção acerca da realidade à sua volta. Ao nos aproximarmos da literatura produzida por Baldwin, podemos ter acesso a mais uma “lente”, em especial acerca da relação do sujeito negro e o mundo que o rodeia.

A escola, em sua função de transformação social, pode ter na literatura uma aliada para iniciar essas reflexões, o que abrange, como pontua a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2003), também a formação de professores e a

abertura de espaços de fato articulados com a diversidade. Segundo Gomes,

Compreender a complexidade na qual a construção da identidade negra está inserida, sobretudo quando levamos em consideração a corporeidade e a estética, é uma das tarefas e desafios colocados para os educadores. Deveria, também, ser uma das preocupações dos processos de formação de professores quando estes discutem a diversidade étnico-cultural (GOMES, 2003, p. 173).

Ao levar para os estudantes discussões que privilegiam a questão racial e a identitária, o docente tem a possibilidade de alinhar as vivências dentro da escola às demandas sociais contemporâneas. Nesse sentido, *Notas de um Filho Nativo* nos proporciona reflexões de fato fecundas. Ao dialogar sobre a situação do sujeito negro, Baldwin disserta que:

O negro é um problema social, e não pessoal, nem humano; pensar nele é pensar em estatísticas, cortiços, estupros, injustiças, uma violência distante; é enfrentar uma catalogação infinita de perdas, ganhos, escaramuças; é sentir-se virtuoso, indignado, desamparado, como se o status do negro no país fosse sempre de alguma forma análogo a uma doença – o câncer, talvez, ou a tuberculose – que é preciso controlar, ainda que não se possa curá-la. [...] O tempo fez algumas mudanças no rosto do negro. Fracassaram todas as tentativas de torná-lo exatamente igual ao nosso, embora de modo geral a intenção, ao que parece, seja a de fazer dele uma página em branco, já que ele não pode virar um rosto branco. Quando o rosto negro se tornar uma página em branco e o passado tiver sido lavado dele por completo, tal como foi lavado do nosso, nossa culpa será extinta – ou pelo menos deixará de ser visível, o que imaginamos ser quase a mesma coisa (BALDWIN, 2020, p. 45,46).

Para Baldwin, a situação de precarização e marginalização do negro é notoriamente uma questão social e, portanto, deve ser discutida e problematizada como tal. Ao levarmos os debates sobre raça para a sala de aula, buscamos centralizar essas agendas num ambiente de estudo, reflexão e escuta ativa, enfrenta-

mento urgente dentro da educação brasileira.

O diálogo com a juventude em *Americanah* (2014), de Chimamanda Ngozi Adichie

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana contemporânea cuja produção literária tem chamado a atenção da crítica e do público na última década. A obra de Adichie, que consiste primordialmente em contos e romances, tornou-se objeto de estudos frequente em solo brasileiro. A popularidade da escritora, que se estende do grande público a contextos acadêmicos, dá-se principalmente devido à relação intrincada entre a forma e o conteúdo presente em sua obra, a exemplo de *Americanah* (2014), seu livro mais vendido no Brasil.

O romance *Americanah*, publicado em solo brasileiro pela Companhia das Letras, retrata a trajetória de Ifemelu, mulher nigeriana que migra para os Estados Unidos para estudar, e depois de treze anos começa a sentir falta de seu povo, costumes e família, decidindo voltar para a Nigéria. Os capítulos, narrados por um narrador onisciente, transitam entre a vida de Ifemelu na Nigéria e nos Estados Unidos, assim como a vida de Obinze, um namorado de juventude que ainda faz o coração da protagonista bater mais forte. Como maneira de lidar com preconceitos de raça, gênero e etnia que precisa enfrentar em sua nova realidade, Ifemelu escreve um *blog* chamado *Raceteenth* ou “Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana”. Através do *blog*, a protagonista apropria-se de um espaço em que pode problematizar as relações entre povos nigerianos e estadunidenses, assim como as interações entre os próprios africanos morando nos EUA.

No decorrer de *Americanah*, deparamo-nos com uma protagonista que, ao contrário do que é tradicionalmente retratado na literatura hegemônica, opta por voltar para a sua terra natal porque vê nela melhores oportunidades de vida. Fugindo do lugar comum de que os Estados Unidos são o paraíso em razão de seus costumes, riquezas e chances de “sucesso”, Ifemelu reflete intensamente sobre a pessoa que se tornou durante os treze anos em que viveu no estrangeiro, e como se beneficiará ao retornar a seu país de origem.

Tais temáticas remetem à literatura pós-colonial e afro-diaspórica, conforme assevera Cláudio Roberto Vieira Braga no livro *A Literatura Movente de Chimamanda Ngozi Adichie: Pós-colonialidade, Descolonização Cultural e Diáspora* (2019). O pesquisador destaca que, em *Americanah*, "o trauma que origina a diáspora é articulado de maneira a representar causas coletivas e ensejos pessoais ao mesmo tempo" (BRAGA, 2019, p. 101). Essa característica é primordial para que Ifemelu seja tão bem aceita pelo público, entendida como uma personagem humana, verossímil e envolta em conflitos que provocam identificação para muitos leitores, incluindo pessoas mais jovens e engajadas com confrontos típicos de sua geração. É a percepção do diálogo de Ifemelu com a juventude que justifica a escolha de *Americanah* como uma obra convidativa para o ensino de adolescentes e adultos.

Nesse ensejo, o *blog* de Ifemelu configura-se como um espaço especialmente atraente para os leitores contemporâneos, profundamente conectados às tecnologias. Através de uma linguagem fluida e simples, a personagem fala de situações cotidianas com um senso crítico aguçado, desvendando questões sociais, culturais e raciais em suas observações. As postagens, que são destacadas dentro da narrativa por um leiaute diferente das outras partes do livro, também facilitam o trabalho do professor que desejar trazer fragmentos da obra para serem discutidos em sala. Dentre as postagens do *blog* de Ifemelu que podem ser discutidas na escola, destacam-se temas como o racismo enfrentado por imigrantes, as dificuldades inerentes à condição da mulher negra em um contexto racista e sexista e a transição capilar de pessoas crespas que optam por usar o cabelo natural.

Propostas para a leitura literária em língua inglesa vinculadas às obras *Notas de um Filho Nativo e Americanah*

Brito e Ribeiro (2021), no artigo "Ensino (d)e literatura: (des)encontros na formação do professor de inglês" abordam as dificuldades enfrentadas pelos professores que buscam associar os ensinamentos de língua inglesa e de literatura.

Isto porque, de acordo com os pesquisadores, a literatura em língua inglesa não figura como uma abordagem explorada com frequências no Brasil, problemática causada pela dicotomia língua / literatura (BRITO, RIBEIRO, 2021, p. 815). Para os teóricos, um dos fatores que influenciam a manutenção desta dicotomia é o enfoque no ensino da língua em uma perspectiva estruturalista, que ignora as dimensões culturais e sociais da aprendizagem da língua inglesa, furtando-se de trazer a literatura como estratégia válida para a conexão dos aprendentes com a língua alvo.

No intuito de trazer possibilidades para a inclusão da literatura nas aulas de inglês, Brito e Ribeiro (2021) dissertam acerca do lugar ocupado pela leitura literária nas licenciaturas, dando ênfase à formação de professores. Eles constataram que

Nos currículos universitários, mesmo em termos de planejamentos e competências, parece não haver a comunhão entre o empirismo da leitura literária com a prática da língua entre os discentes, futuros professores. Há uma dissonância abissal entre um objetivo ideal de congruência entre leitura e prática de língua e os caminhos estáticos apresentados pela realidade (BRITO; RIBEIRO, 2021, p. 813).

Ao passo que a literatura, de modo geral, não ocupa espaços significativos no ensino de inglês, os enfrentamentos no que tange à inserção da literatura negra são ainda maiores. Assinalamos, primeiramente, que não aprendemos a dar aulas de literatura, o que prejudica nossas performances como professores; segundo, somos, por vezes, professores com pouca variedade de leituras literárias, o que nos impede, naturalmente, de aumentar o repertório de nossos alunos; terceiro, muitas das vezes nos preocupamos com o ensino da estrutura da língua, e não consideramos sua função social e comunicativa. Reiteramos, mais uma vez, que a literatura negra, normalmente fora do radar das instituições, de modo geral, também sofre este apagamento quando ensinamos a língua inglesa, pois ainda estamos muito ligados às literaturas canônicas, muitas das quais brancas e masculinas.

Há uma série de práticas que podem re-

verter esta situação, alinhadas às mudanças aquém da figura do professor. Oportunidades de cursos, formações e grupos de pesquisa sobre literatura e língua estrangeira, oficinas e planejamentos em conjunto e a adoção de metodologias ativas podem ser caminhos para começarmos a pensar em mudanças significativas. Um dos mais importantes realinhamentos, no entanto, surge quando tentamos nos comprometer com a promoção de deslocamentos pedagógicos e atitudinais, o que perpassa a descolonização de epistemologias e currículos, assim como a busca por novos objetivos no que toca à aprendizagem da língua inglesa. Se decidimos por incluir a literatura negra em nossos programas, ementas e projetos, é preciso ressignificar a práxis pedagógica, jornada que pode ser iniciada, por exemplo, a partir de algumas indagações fundamentais. Nesse ensejo, destacamos as interrogações de Gomes (2019):

[...] teremos sempre que nos reportar aos mesmos autores e aos mesmos clássicos para interpretar e compreender a nossa realidade? Será que, paralelamente ao que acostumamos chamar de “clássico” e que compõem o cânone acadêmico, não tivemos outras produções de caráter mais crítico e analítico que, por diversos motivos e até pela luta por hegemonia no campo do conhecimento, foram esquecidos, invisibilizados e relegados ao ostracismo? Como seria a nossa interpretação do mundo atual e dos fatos já acontecidos se retomássemos essas obras, hoje, numa postura decolonial (GOMES, 2019, p. 232)?

Uma práxis pedagógica decolonial promove, portanto, possibilidades de acesso a outras visões de mundo, o que, para nós, é possível através da literatura escrita por pessoas negras. Tal novidade interpretativa cumpre, para além do deleite estético e a melhoria das competências linguísticas, uma relevante função social, que é a de ampliar espaços de discussões sobre raça, cultura, validação de conhecimentos e o enaltecimento de lócus enunciativos deslocados da premissa eurocentrada e colonial. A respeito da relação entre cultura, literatura e conhecimento, a pesquisadora Florentina Souza (2016) assevera:

Se a literatura possui, como deseja Compagnon, a função de nos fazer ter contato com outras culturas para com elas redimensionarmos nossos campos de conhecimento, nossas práticas sociais; ela deve, hoje, constituir-se também um espaço para apresentação/apreciação de valores identitários e versões da história diferentes dos hegemônicos (SOUZA, 2016, p. 98).

No intuito de trazer propostas mais práticas à baila, buscamos adaptar estratégias e técnicas de leitura já aplicadas e que se mostraram eficazes em nossas experiências docentes. Tomemos, por exemplo, os princípios delineados para o ensino de leitura propostos por Jeremy Harmer (2018). Segundo o autor, para que a leitura seja parte das aulas de inglês, há seis princípios que precisam ser adotados pelos professores. Uma vez que tratamos, especificamente, da leitura literária, três deles são mais pertinentes dentro do nosso recorte. De acordo com o teórico, para que a leitura surta resultados, é necessário que: i. os estudantes estejam engajados no que estão lendo; ii. os estudantes se sintam encorajados a refletir acerca dos conteúdos dos textos, explorando seus sentimentos e analisando a estrutura textual; iii. os textos sejam explorados ao máximo (HARMER, 2018, p. 101, 102).

Antecipando possíveis inseguranças por parte do corpo docente, acreditamos que seja importante pontuar que níveis de proficiência distintos ou comportamentos destoantes, por parte do corpo discente, não devem ser impeditivos para que a leitura literária seja mais bem utilizada em sala de aula. Expectativas acerca da leitura literária em língua inglesa precisam ser dosadas com cuidado, e, a proposta, pensada como uma ideia que será melhorada e reelaborada. Por tratar-se de uma atividade que compreende vários aprendizados por parte dos estudantes e também dos professores, adaptações e reformulações são bem-vindas. A respeito dos elementos que devem ser considerados quando a leitura literária é trazida para as aulas de inglês, Brito e Ribeiro (2021) destacam que

[...] é imperativo pensar que cada texto deve adequar-se aos níveis de proficiência do aluno, seja iniciante, seja avançado. A provável resposta à questão sobre a qual

literatura o aprendiz deve ser exposto seria aquela em que houvesse afinidade cultural, acesso mais fluido ao vocabulário, possibilidade de uso dos conceitos depreendidos da obra literária em questão e, acima de tudo, fruição do material escolhido. Para o docente, além de considerar esses elementos, deve-se pensar, ainda, em como propiciar o cruzamento das habilidades de língua a serem evidenciadas dentro do nível do grupo (BRITO; RIBEIRO, 2021, p. 813).

A adequação ao grupo, que só poderá ser pensada por cada profissional que conhece suas turmas, terá mais probabilidades de funcionar se algumas etapas forem articuladas. Sugerimos, primeiramente, que as obras de Baldwin e Adichie sejam trabalhadas em alunos de nível intermediário e avançado; em segundo lugar, a abordagem em relação aos textos pode seguir uma infinidade de propostas, que devem ser claras e consoantes ao perfil da turma: discussões sobre autoria, fruição das narrativas, comparações entre os dois autores, e transposições dos temas para a realidade dos leitores são alguns dos caminhos que desenhamos. Acreditamos, inclusive, que separar um tempo para que os próprios alunos pesquisem sobre os autores, conversem sobre as expectativas acerca da leitura e tracem um plano de leitura e discussões juntos pode ser uma boa oportunidade para o exercício de autonomia em sala de aula. Em terceiro lugar, o tempo e estratégias de leitura e aprendizagem de cada estudante precisavam ser respeitadas.

Dentro de uma sala de aula pouco voltada às metodologias ativas, galgada em abordagens centradas no professor e sem trabalhos colaborativos, a leitura de literatura, seja ela dos autores que trazemos ou quaisquer outros, dificilmente será prazerosa e significativa. Ademais, é sempre importante frisar que a leitura, para além de uma atividade que melhora o vocabulário e expõe o aprendiz às estruturas autênticas na língua alvo, é um espaço para ressignificar as próprias percepções acerca do mundo. Tratar de raça, neste contexto, significa promover práticas pedagógicas emancipatórias para todos aqueles envolvidos no processo. Por último, é necessário refletir sobre como os estudantes serão avaliados. Qual o objetivo do

projeto? Ele precisa ser, necessariamente, um trabalho que vale nota? Como as competências e habilidades dos aprendentes serão analisadas? Eles estão cientes de como e quando serão avaliados? Como se sentem em relação a isso?

Para propor as leituras de *Notas de um Filho Nativo* (2020) e *Americanah* (2014), escolhemos adaptar a proposta de grupo de leituras coletivas trazida por Rildo Cosson (2014), que se embasa no conceito de círculo de literatura, de Harvey Daniels (2002). A leitura coletiva, nesta perspectiva, funcionaria como um clube do livro, em que os estudantes poderiam, em um grupo grande ou em vários menores, discutir questões que podem ser propostas anteriormente pela professora ou desenvolvidas pelos grupos até mesmo em aulas anteriores.

De acordo com Cosson, a leitura coletiva contém uma série de vantagens que tornam a ideia atraente:

Primeiro, porque, ao lerem juntos, os participantes do grupo tornam explícito o caráter social da interpretação dos textos e podem se apropriar do repertório e manipular seus elementos com um grau maior de consciência, que seja para reforçar ou para desafiar conceitos, práticas e tradições. [...] Depois, porque a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas. [...] Por fim, porque os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte do diálogo em torno da obra selecionada (COSSON, 2014, p. 139).

É perceptível, no círculo de leitura que adaptamos de Cosson, alguns pontos cruciais para o ensino da língua inglesa. Notamos o enfoque na leitura que, para além do deleite estético, propicia a comunicabilidade entre os pares, quando encorajados, dentro de sala, a trazer opiniões, dúvidas e sentimentos para a interação. Ademais, os universos que são expandidos a partir de textos específicos – no caso, aqueles que se debruçam, por exemplo, sobre raça, gênero, trânsitos, diferenças culturais, aumentando repertórios linguísticos e culturais. O elemento relacionado à aprendizagem coletiva e colaborativa também se destaca, já que propicia diálogos entre pessoas que estão aprendendo

a língua alvo, e que podem, juntas, buscar novos vocabulários, tentar entender conceitos apresentados nas leituras e fazer ponderações acerca de determinada obra ou autor.

As leituras coletivas não precisam ter um formato fixo ou nem mesmo ser compostas por atividades repetitivas. Há espaço, por exemplo, para mediações feitas pelos próprios estudantes, produções a partir das obras e até a elaboração de trabalhos que visem informar a comunidade escolar acerca das leituras, o que pode acontecer também na língua materna, a depender do contexto. O que é imperativo, em nosso ponto de vista, é mostrar aos alunos que eles estão em contato com narrativas fora do eixo hegemônico, e o que isso significa do ponto de vista das relações de poder e acesso ao conhecimento. Discutir de onde surgem produções como as de Baldwin e Adichie, assinalando porque elas estão sendo privilegiadas em sala de aula, é um movimento crucial, que pode levar a indagações acerca dos currículos que conhecemos, das epistemologias que validamos e até mesmo das percepções sobre a língua inglesa que construímos, que pode deixar de ser percebida como pertencente a determinada nação, e tornar-se uma ferramenta de comunicação que aproxima pessoas de diferentes culturas e lugares.

Após apresentar algumas estratégias e motivações para a inclusão da literatura negra nas aulas de inglês, pretendemos pontuar que estamos cientes de que o usufruto da literatura em sala de aula também perpassa obstáculos que estão aquém da escolha docente. Cronogramas apertados, falta de acesso a materiais de leitura e salas de aula cheias podem comprometer, de fato, a busca por aulas mais comunicativas, pautadas em materiais autênticos e abertas às discussões literárias que envolvam raça, gênero, diásporas, dentre outras temáticas caras à contemporaneidade. Com o intuito de apresentar uma alternativa, assinalamos que a melhor opção poderia ser pensar em projetos de literatura em sala de aula, que aconteceriam em momentos específicos no decorrer do semestre letivo. A organização de um cronograma, em que os estudantes saibam com antecedência como e quando as leituras tomarão forma, evita a ansiedade e encoraja as turmas a procura-

rem, com independência, as estratégias as quais pretendem lançar mão para uma melhor conexão com a leitura. Ademais, um momento para a articulação de projetos pode representar oportunidades de divertimento, interação e aprendizagem diferentes do que é feito na escola, a depender das dinâmicas de cada contexto específico. O importante é que se ofereçam oportunidades diferenciadas e emancipatórias de ensino, entendendo-se que elas terão recepções distintas por parte de professores, estudantes e da comunidade escolar, aspecto que também não pode ser perdido de vista.

Considerações finais

A qualidade estética e a abordagem de temáticas de raça, gênero, identidade e crítica social nos escritos de Baldwin e Adichie fazem desses autores figuras relevantes para a aproximação de leitores com aspectos linguísticos, culturais e sociais diversos, contribuindo para o crescimento intelectual e exercício da cidadania de nossos estudantes. Os autores apresentam uma prática discursiva deslocada de padrões eurocentrados e patriarcais de conteúdo e forma, o que favorece a inclusão de sujeitos subalternizados em lugares de autoridade discursiva e protagonismo, giro primordial para a conquista de uma educação significativa e emancipatória.

Dada a valia do acesso ao campo simbólico para as interações e dinâmicas sociais, repensar os lugares a que determinados indivíduos são socialmente relegados é um aspecto que não pode ser ignorado quando a literatura é apreciada como um espaço de articulação de ideias transformadoras, abarcando reflexões sobre quem somos e como vivemos. Nesse sentido, as asserções de Pierre Bourdieu nos são particularmente caras, pois pontuam que

o campo literário é o lugar [...] [em que] as posições internas devem em primeiro lugar ser compreendidas como umas tantas especificações da posição genérica dos escritores (ou do campo literário) no campo do poder ou, se se quiser, como umas tantas formas particulares da relação que se instaura objetivamente entre os escritores em seu conjunto e os poderes temporais (BOURDIEU,

1989, p. 89).

Destacar o papel do campo simbólico para a manutenção ou transformação da sociedade, preocupação recorrente dos estudos dos pesquisadores que compõem nosso estudo, tais quais Cuti (2010), Cosson (2014) e Gomes (2003, 2019), é um passo primordial para que novas literaturas sejam cogitadas dentro do ambiente escolar. Entendemos, igualmente, que o contato com obras escritas em língua estrangeira proporciona enriquecimentos de ordem cultural e linguística, principalmente para nosso recorte, que propõe a noção da língua inglesa como língua franca. A língua, assim, é pensada dentro da interculturalidade, e sua função perpassa “[...] o reconhecimento das (e o respeito às) diferenças, [...] o que favorece a reflexão crítica sobre diferentes modos de ver e de analisar o mundo, o(s) outro(s) e a si mesmo” (BNCC, 2018, p. 242).

Não trata-se, portanto, de ignorar a estrutura da língua na prática pedagógica, mas sim de conectar a aprendizagem a dimensões estéticas, culturais e sociais. A língua, dentro desta proposta, pode ser um meio, e não um fim. É através dela que expandimos nossas percepções, aprendemos a viver em comunidade e nos colocamos no mundo.

Dentro de nossa compreensão do papel da literatura nas aulas de língua inglesa, ler autores como Baldwin e Adichie representa uma ruptura com uma cultura de apagamento, silenciamento e exclusão de literaturas negras. Essas leituras apresentam percepções de mundo capazes de provocar mudanças significativas no imaginário social, favorecendo discussões sobre raça, gênero, identidade e poder necessárias à sociedade brasileira. As obras e propostas já existem, é tempo de incluí-las na nossa práxis pedagógica.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BALDWIN, James. *Notas de um Filho Nativo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo: Perspectiva, 2007, 279 p.
- BENTO, Cida. *O Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, 148 p.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989, 313 p.
- BRAGA, Cláudio Roberto Vieira. *A Literatura Movente de Chimamanda Ngozi Adichie: Pós-colonialidade, Descolonização Cultural e Diáspora*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019, 174 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf> (Último acesso em 29 de nov. 2022)
- BRITO, Cristiane Carvalho de Paula; RIBEIRO, Ivan Marcos. Ensino (d)e literatura: (des)encontros na formação do professor de inglês. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n (60.3): 811-825, set./dez. 2021.
- COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014, 192 p.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996, 80 p.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.
- GOMES, Nilma Lino. “O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos.” In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROFOGUEL, Ramón. (Orgs.) *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 247 – 268.
- HARMER, Jeremy. “Teaching Reading”. In: _____. *How to Teach English*. New Edition. England: Pearson Education Limited, 2018, p. 99 – 111.
- INSTITUTO Pró-Livro (IPL). *Retratos da Leitura no Brasil*. 5a ed. São Paulo, 2020. Disponível em: << <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>

>> Acesso em 10 nov. 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, 244 p.

SOUZA, Florentina. Relações étnico-raciais e ensino da literatura. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.25, Número Especial, p. 96-107, 2016.

COMO CITAR

MUNIZ, D. R. S.; MATOS, T. A. Lendo Baldwin e Adichie nas aulas de língua inglesa: articulações entre língua, literatura e antirracismo. *Revista Cerrados*, 32(61), p. 222–232. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i61.45882>